

QUANDO NASCE UMA PROFESSORA? EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA

RENATA NASINHAKA¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – renata.nasinhaka@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar vivências e experiências adquiridas durante o estágio em docência, realizado no 2º semestre de 2023, no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPEL). Trata-se de um relato de experiência que explora o processo de (auto)(trans)formação e a construção da identidade docente, utilizando como base a perspectiva teórico-metodológica das pesquisas (auto)biográficas. Através do movimento de narrar e refletir, é possível descobrir as sutilezas e a “boniteza” envolvidas na dinâmica de se constituir como docente.

O título "Quando nasce uma professora?" reflete o diálogo entre duas ideias inspiradoras. A primeira delas é a analogia com o filme “*Nasce uma Estrela*”, que aborda a ascensão e transformação pessoal da protagonista Ally, interpretada por Lady Gaga. O filme evidencia como as dificuldades enfrentadas no percurso – tanto pessoais quanto profissionais – moldam a identidade da personagem e revelam críticas aos sistemas opressivos presentes na sociedade, como exemplo, o machismo no meio artístico-musical. A transformação de Ally, assim como o nascimento de sua identidade artística, pode ser comparada à jornada de quem se torna uma professora: um processo contínuo de superações e descobertas.

A segunda inspiração vem da célebre frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2016). Assim como o gênero é uma construção social, a identidade docente também se constrói ao longo do tempo, influenciada pelos contextos sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais. Como defendido por teóricas como Scott (2019) e Louro (2018), a formação identitária é permeada por subjetividades e pela constante interação com o mundo ao nosso redor.

Com base nessas reflexões, questiono: ser professora é algo nato ou algo que precisa ser construído? Eu nasci professora ou a professora nasceu em mim? Ao longo deste relato, busco trilhar esse caminho reflexivo, não para responder de forma definitiva a essa questão, mas para compartilhar as vivências e experiências que emergiram ao longo do estágio, utilizando as premissas da pesquisa (auto)biográfica como um caminho formativo para o autoconhecimento e a construção de uma identidade docente.

2. METODOLOGIA

A perspectiva teórico-metodologia da pesquisa (auto)biográfica é um campo fértil para explorar a tecitura constitutiva do conhecimento de si, da formação identitária e das subjetividades que compõem o eu/nós. A partir dessas premissas, pode-se vislumbrar as histórias de vida, permeadas de memórias e vivências como um instrumento útil, sensível, pessoal e afetivo para o conhecimento e a consciência singular-plural. Ademais, refletir sobre a própria trajetória permite olhar

para nossos próprios contextos, privilegiando, o lugar de onde viemos, falamos e vivemos. E, ainda, o resgate da memória, permite a reconstituição e o registro da ancestralidade, de conhecimentos populares e do registro da oralidade de conhecimentos históricos.

Contudo, acredito que uma das principais riquezas oferecida pela pesquisa (auto)biográfica é a potencialidade que se tem de transformarmos vivências em experiências. Nesse sentido, a autora Marie-Christine Josso (2009) reflete sobre o caráter formativo que envolve o processo de narrar-refletir, salientando que, para que esse processo (auto)(trans)formativo seja completo, é necessário transformarmos nossas vivências em experiências. Para tanto, o processo reflexivo passa pela significação do vivido que promove uma análise dimensional do eu-no-mundo.

Dentro desse cenário, do cotidiano de (estar) em sala de aula como docente, pude observar as conexões relacionais promovida pelas relações discente-discente e docente-discente. A disciplina que tive a oportunidade de trabalhar é centrada nas temáticas que estudam as relações de gênero e docência. Era uma turma composta por 19 mulheres e a maioria estava regularmente cursando o 8º semestre do curso de Pedagogia. Além do conhecimento técnico e teórico despendido pelos anos de formação formal, todas as discentes tinham suas próprias histórias de vida, permeadas por memórias e atravessadas por diversas e diferentes realidades.

Lembro-me de alguns acontecimentos marcantes, algumas falas que ainda ecoam em mim e algumas memórias que são puro sentimento. Vou partilhar duas delas para fomentar o processo (auto)(trans)formativo e dar ensejo ao questionamento: - quando nasce uma professora?

O primeiro dia de aula, como docente, é sempre marcante, desde quando ingressei no doutorado eu aguardava o semestre em que faria o estágio em docência. Eu sabia que ser professora não se resumia ao fato de estar em sala de aula, eu já sabia que me envolveria por inteira. Mas, sem dúvida o que eu mais aguardava era o momento em que alguma aluna me chamaria de “professora”, talvez por minha primeira formação não ser nas licenciaturas ou por ainda não ter experienciado a plenitude desse adjetivo. Era algo que eu ansiava, e que aconteceu na constância do estágio em docência. Um sentimento que guardo até hoje, quando uma aluna levantou a mão e disse: - professora!

Um episódio particularmente tocante, que ficará marcada em minha história foi o falecimento de uma das alunas, alguns meses após o encerramento da disciplina. Por ser minha primeira turma, guardo um pouquinho de cada uma delas na memória, mas essa aluna me marcou de forma especial. Quando finalizei a aula sobre pedagogia queer, após ter trabalhado em vários momentos com as questões de sexualidade e diversidade, essa aluna veio me agradecer pelas falas que fiz e pela forma como abordei a temática, pois ela tinha na família uma pessoa muito próxima que havia se “assumido lésbica” e que, em alguns momentos, era difícil para ela entender a situação. Lembro de ter dito que a sexualidade é uma expressão/manifestação de amor que ocorre naturalmente dentro das relações e que, em uma sociedade patriarcal, capitalista, racista e colonial como a nossa, poder ser quem você realmente é, é um ato revolucionário. Fiquei muito emocionada quando a aluna me agradeceu, senti que havia cumprido o meu papel como mulher, como professora e como militante.

Diante da partilha das vivências e das experiências, acredita-se que a identidade docente seja um processo dinâmico e contínuo de construção, moldado pelo conhecimento de si, pela formação integral (acadêmica/pessoal/social) e pelo exercício docente. Ao longo da vida, essa identidade se (trans)forma à medida que

a/o docente vivencia novos contextos e desafios, refletindo sobre sua atuação, seu eu-no-mundo e sobre as demandas do contexto em que está inserida. Conforme destacado por Antonio Nóvoa (2013), a identidade docente não é algo dado, mas sim construída e reconstruída constantemente, em um movimento de (auto)formação que envolve a articulação entre o eu pessoal e o eu profissional.

Nesse sentido, as vivências no estágio docente tornam-se essenciais, pois são momentos em que as teorias aprendidas entram em diálogo com a prática, proporcionando um espaço de reflexão sobre o ser e o fazer docente. Assim, a identidade docente é formada não apenas pelo acúmulo de conhecimentos técnicos, mas também pela reflexão sobre suas próprias experiências, escolhas e desafios na prática pedagógica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica, ou seja, o exercício docente está embasado nas vivências e nas experiências que se constroem ao longo da vida e da formação. Muitas vezes, diante das incertezas e as vicissitudes do desconhecido, a professora tende a basear a sua prática pedagógica nas certezas construídas a partir de suas vivências. Assim, as boas experiências, vividas enquanto alunas, são replicadas, enquanto as experiências negativas são evitadas. Nesse processo, a identidade docente é continuamente construída, formada e transformada, à medida que a própria subjetividade e o conhecimento de si vão sendo estabelecidos.

Dessa forma, a partir de observações e experiências iniciais, percebe-se uma diferença positiva nas práticas pedagógicas de professoras feministas. Identificam-se elementos que foram uma base constitutiva que integra a identidade docente, as formações integrais e o exercício docente. Pode-se perceber que uma prática pedagógica feminista considera três elementos essenciais, o primeiro é o duplo grau do afeto: o afeto baseado na afetividade e aquele que reflete a forma como as realidades nos afetam e são afetadas por nós. Em segundo é o diálogo, que vai muito além da escuta e da resposta, é aquele que promove uma interação equânime na partilha de saberes e fazeres. E, como terceira premissa tem-se o acolhimento integral, que se refere as relações positivas que se estabelecem entre todas as partes envolvidas no processo de formação, ou seja, docentes, discentes, coordenação, direção e instituição.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa (auto)biográfica desempenha um papel fundamental na construção da identidade docente, pois oferece uma oportunidade para as/os docentes narrarem suas experiências e refletirem sobre elas. Ao explorar suas trajetórias de vida, as/os docentes não apenas confirmam as influências que moldaram sua prática, mas também se tornam mais conscientes de seu papel no processo (auto)(trans)formativo. Essa abordagem permite que sejam conectadas as vivências pessoais, integrando as diferentes realidades, promovendo uma compreensão mais profunda de si e das próprias escolhas. Assim, a pesquisa (auto)biográfica não apenas contribui para a formação de uma identidade docente mais robusta e consciente, mas também fortalece a prática pedagógica ao encorajar uma reflexão crítica e contínua sobre as vivências experienciadas em um contexto singular-plural. Dessa forma, o processo (auto)biográfico é dinâmico e

interativo, no qual a construção de saberes está intimamente ligada ao conhecimento de si, de suas realidades e do eu-no-mundo.

Assim sendo, as vivências e experiências acumuladas ao longo da trajetória de formação são fundamentais para o desenvolvimento do exercício docente, pois elas oferecem uma base rica e diversificada sobre a qual a prática pedagógica pode se (re)construir. Cada experiência vívida — seja em contextos acadêmicos, em salas de aula ou em interações sociais — contribui para a formação de uma identidade docente que é única e profundamente enraizada nas particularidades de cada professora. Refletir sobre essas vivências permite que as docentes identifiquem/criem suas práticas pedagógicas, reconheçam os desafios que enfrentam e desenvolvam estratégias para superá-los. Além disso, as experiências enriquecem o repertório pedagógico, proporcionando a oportunidade de integrar saberes teóricos e práticos. Essa relação dialética entre vivência e prática não só fortalece a atuação docente, mas também enriquece o processo de ensino-aprendizagem, pois as professoras trazem para a sala de aula suas histórias, emoções e saberes, criando um ambiente afetivo e formativo.

A prática pedagógica feminista se destaca como uma abordagem crítica na formação docente e no desenvolvimento de discentes, promovendo um ambiente de aprendizagem que valoriza a equidade, a diversidade e as subjetividades. Essa perspectiva pedagógica impulsiona a criação de um espaço no qual as/os discentes possam expressar suas vozes e compartilhar suas histórias. Através da valorização do afeto, do diálogo e do acolhimento integral, a prática pedagógica feminista transforma o ambiente da educação institucionalizada em um espaço de construção coletiva de saberes, permitindo que todas/todos/todes se vejam como agentes de mudança em suas realidades. Além disso, esta abordagem contribui para a (auto)formação, ao desafiar normas e práticas tradicionais, estimulando as atuais e as futuras docentes a se tornarem educadoras mais críticas e conscientes de seu papel na sociedade. Assim, uma pedagogia feminista não apenas enriquece a formação das futuras professoras, mas também promove uma educação que é verdadeiramente (auto)(trans)formadora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. Uma experiência formadora: a abordagem biográfica como metodologia de pesquisa-formação. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2018.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. Ed. Porto: Porto Editora, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Heloisa Buarque de Hollanda (Org.). Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 49 – 81.